

## DIÁLOGOS ENTRE SINDICALISMO E PSICOLOGIA SOCIAL DO TRABALHO: POSSIBILIDADES DE ATUAÇÃO

MATTHEUS PESSANO<sup>1</sup>; FERNANDA CAMILOTTO BORTOLUZZI<sup>2</sup>; GABRIELA  
DEL-PONTE<sup>3</sup>; LETÍCIA FERREIRA COUTINHO<sup>4</sup>; MONICA FREITAS<sup>5</sup>; GERUZA  
TAVARES D'AVILA<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – [mattheuspessano@gmail.com](mailto:mattheuspessano@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – [febortoluzzi@gmail.com](mailto:febortoluzzi@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – [gabriela.delponte@gmail.com](mailto:gabriela.delponte@gmail.com)

<sup>4</sup> Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – [leticiaferreiracoutinho@gmail.com](mailto:leticiaferreiracoutinho@gmail.com)

<sup>5</sup> Universidade Federal do Rio Grande – [monica.freitasdasilva@gmail.com](mailto:monica.freitasdasilva@gmail.com)

<sup>6</sup> Universidade Federal do Rio Grande (FURG) – [geruzadavila@furg.br](mailto:geruzadavila@furg.br)

### 1. INTRODUÇÃO

A presente reflexão foi elaborada a partir da proposta de trabalho final na disciplina de “Psicologia Social do Trabalho” do curso de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande. A professora avaliou a escrita e a apresentação de uma problematização acerca da “atuação do psicólogo social do trabalho”. Nesse sentido, como apresentado por Bernardo *et al.* (2015), o(a) profissional psicólogo(a) que desejar fazer uma prática pautada na PST deve primeiramente se colocar em contraposição à uma leitura naturalizante e homogeneizante do ser humano. Portanto, sua prática deve tomar como base o caráter histórico, heterogêneo e conflituoso das relações de trabalho, compreendendo as mudanças e desvios em seu ritmo com as diversas transformações culturais, econômicas e políticas. As autoras pontuam que não é possível dizer que exista “um” campo específico de atuação da Psicologia Social do Trabalho, mas alçam luz para um “*quefazer*” (MARTIN-BARÓ, 1997) da(o) psicóloga(o) com base em um olhar crítico para os processos e relações do trabalho, sem oferecer “modelos” ou “receitas” pré definidos para a prática.

Para que isso seja possível,

[...] o profissional da Psicologia deve se perguntar permanentemente: sob que condições estou realizando meu trabalho? Quais são as orientações que me inspiram? Para quem e para que serve minha atividade? Quais são as características do contexto em que estou atuando? Estes questionamentos possibilitam uma direção de pensamentos e posições para serem definidas (ou redefinidas) na atividade profissional (BERNARDO *et al.*, 2015, p.26).

Sendo assim, Bernardo *et al.* (2015) apontam que a(o) psicóloga(o) deve deixar de lado a ideia de se pensar como dono um conhecimento único e mítico sobre o outro, “abandonando posturas cômodas que prevalecem em seu exercício e desmontando discursos legitimadores de práticas focadas nos interesses dos mais privilegiados” (p. 27).

Posto isso, a(o) psicóloga(o) social do trabalho vai encontrar terreno fértil para a sua atuação em espaços que possibilitem uma reflexão crítica e também que estimulem a participação coletiva no processo de decisão, produção e reprodução da vida. Entretanto, por conta dessa prática não ser compatível com o modo de produtividade imposto pela ordem dominante, são pouco comuns os espaços e locais que oferecem essa possibilidade de atuação. Bernardo *et al.*

(2015) destacam que espaços como o órgão de representação dos trabalhadores (sindicatos), oferecem mais possibilidades de uma atuação compatível com a praxis da PST do que as empresas privadas e voltadas ao lucro e ao acúmulo de capital. Sendo assim, no presente trabalho buscamos focar nas possibilidades de atuação da(o) psicóloga(o) social do trabalho no contexto de órgãos de representação do trabalhador, com ênfase nos sindicatos.

A escolha dessa temática se justifica pelo interesse do grupo de autoras(es) em compreender mais a fundo a especificidade da atuação da(o) psicóloga(o) neste campo, por entender que apesar de ainda se tratar de um campo restrito - e de que muito disso vem da imagem de que o campo da(o) psicóloga(o) se restringe ao clínico ou ao de profissional dos Recursos Humanos aliado às empresas -, os sindicatos apresentam um local de atuação compatível com os preceitos de uma psicologia comprometida com os interesses da classe trabalhadora.

## 2. METODOLOGIA

Buscamos utilizar como base a literatura disponível acerca da atuação da(o) psicóloga(o) social do trabalho em sindicatos. Na busca em periódicos por literatura que aprofundasse a especificidade da temática, escolhemos o artigo “Experiência em clínica do trabalho no sindicato: diálogos com a psicodinâmica do trabalho” (SILVEIRA *et al.*, 2015) como balizador dessa reflexão.

Além disso, realizamos 1 (uma) entrevista semi-estruturada com um profissional psicólogo Egeu que teve diversas experiências na área sindical e de Economia Solidária (ES). A entrevista foi realizada através da plataforma de webconferência *Zoom* em novembro de 2020, tendo duração de aproximadamente uma hora. As perguntas que nortearam a entrevista foram: (1) “De modo geral, segundo a sua experiência, o que faz um(a) psicóloga(o) em um sindicato?” e; (2) “Quais as potencialidades e dificuldades da(o) psicóloga(o) nesse contexto?”.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a compreensão das possibilidades de atuação dentro do sindicato, é necessário compreender o caminho histórico e social do sindicalismo no Brasil. Sendo assim, Antunes (1985) nos remonta o processo ideológico em disputa dentro do sindicalismo, compreendendo a sua liderança anarquista em 1922, o surgimento dos partidos comunistas na mesma época e a intenção e tentativa do Estado em captar os sindicatos na conciliação entre capital e trabalho. Nesse momento efervescente do governo de Getúlio Vargas, conquista-se alguns direitos através de greves como férias, jornada de trabalho de 8 horas, entre outros. Entretanto, a ditadura militar de 1964 recuou os direitos arduamente conquistados e também o berço de sua movimentação: os sindicatos tornaram-se ilegais. Em passos lentos, o sindicalismo se reergueu e teve como símbolo de sua força as greves do ABC Paulista em 1978 e resultando em meados dos anos 1980 a criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Nesse sentido, o entrevistado nos conta que seu local de atuação durante 5 anos foi na CUT, inicialmente o seu cargo era para a secretaria nacional de formação e também atuou dentro do desenvolvimento à ES. Ele também afirma que pela CUT ser uma das maiores centrais sindicais no Brasil, foi possível um

aprofundamento muito rico em questões de formação, conhecimento e a realidade brasileira quando de sua atuação. Além disso, também conseguimos pensar um pouco sobre o cenário nada favorável ao sindicalismo e o seu enfraquecimento na última década. Como exposto por ele

*[...] acho que a gente tá vivendo uma crise da representação sindical muito forte nos últimos anos, tem a ver com a crise do trabalho, na verdade a crise do emprego, mas mesmo assim o movimento sindical continua sendo um espaço de intercâmbio, de encontro, de formulação política, muito enfraquecido, eu acho, atualmente. Porque ele já foi protagonista, em outros momentos, ele foi protagonista, ele era o que tinha de mais avançado em alguns setores, inclusive para proposição de políticas, para proposição de legislação, de direitos, ele era muito forte, combativo.*

Dentro desse contexto, a psicologia insere-se nesse campo ocupando um espaço que não é usual e nem estritamente destinado ao psicólogo. Porém, as contribuições da psicologia e para a psicologia enquanto campo de conhecimento são inúmeras. Como por exemplo, Silveira *et al.* (2015) relataram sua experiência de atuação em um sindicato regional de frigoríficos, destacando que sua ação voltou-se inicialmente para um atendimento de escuta individualizado dos trabalhadores em sofrimento e seu encaminhamento. Entretanto, outras demandas comuns a essa categoria de trabalho começaram a surgir como alguns adoecimentos relacionados a Lesão por Esforço Repetitivo (LER) e Distúrbio Osteomuscular Relacionado ao Trabalho (DORT). Nesse sentido, as estagiárias organizaram visitas domiciliares e uma busca ativa dos sindicalizados junto aos diretores sindicais na busca de uma orientação em saúde do trabalhador. Além da organização de espaços de troca coletiva e aprendizado, refletiram sobre as temáticas elencadas e de interesse dos trabalhadores sindicalizados.

Nessa perspectiva, o psicólogo que entrevistamos narrou que uma de suas atividades dentro da central sindical foi a de organização sindical para a ES produzindo materiais e na coordenação das escolas sindicais. Dessa maneira, é possível observar que a atuação do psicólogo nesse espaço deve ser voltada para pensar não só os processos de produção dos sindicalizados, mas também à construção de espaços e encontros coletivos que visem o avanço da consciência sobre sua própria atividade. Como corroborado pelo entrevistado, ao se referir aos sindicatos

*A gente percebe que é uma mesma luta que as pessoas tão tendo em vários lugares com características diferentes, quer dizer peculiaridades locais, mas com questões gerais, acho que isso é o primeiro ponto que tem a ver com uma identidade de classe e de categoria, acho que esse é o principal elemento de importância, você se dar conta disso, mas a partir daí também é possível construir coisas, construir projetos, construir propostas políticas, e é uma participação na vida política.*

Dessa forma, os grupos tornam-se espaços de produção de potência, de acolhimento e compartilhamento do sofrimento, ao mesmo tempo em que auxilia os sujeitos a produzir estratégias coletivas de ação. Como bem colocado por Lane (2006), quando um grupo de sujeitos encontra-se e compartilha problemas, suas questões sentidas como exclusivas, descobrem seus aspectos comuns, decorrente de sua condição social de vida. E assim, os grupos satisfazem suas necessidades de forma cooperativa. Assim, os sindicatos demonstram um cenário fértil para uma atuação da psicologia voltada aos problemas e as necessidades

da classe trabalhadora. Pois, ora estão enquanto ferramenta de organização política, de luta e de construção da identidade e ora estão em uma perspectiva de saúde, prevenção e vigilância.

#### 4. CONCLUSÕES

O presente trabalho não teve o objetivo de encerrar as discussões acerca da atuação dos psicólogos dentro de sindicatos, mas sim lançar possibilidades emergentes diante do cenário político em que a classe trabalhadora se encontra. Além disso, elencamos apenas algumas das diversas possibilidades que só podem ser pensadas no processo coletivo e portanto cabe às(aos) psicólogas(os) assumir uma ética anticapitalista e não liberal, de resistência ao sistema com comprometimento a transformação social. É possível a psicologia se aliar às(aos) trabalhadoras(es) – e de que também ocupam esse mesmo espaço na divisão social do trabalho, entendendo que esse modelo de sociedade não é o suficiente para suprir suas demandas e a busca por justiça social e para isso, se aliar aos sindicatos é uma das frentes de luta possíveis.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, R. **O que é sindicalismo**. São Paulo: Brasiliense, 198

BERNARDO, M. *et. al.* A práxis da Psicologia Social do Trabalho: reflexões sobre possibilidades de intervenção. In: COUTINHO, M. C; FURTADO, O; RAITZ, T. R. **Psicologia Social e Trabalho: perspectivas críticas**. Florianópolis: ABRAPSO Editora: Edições do Bosque CFH/UFSC, 2015. p. 16-39.

MARTÍN-BARÓ, I. O papel do psicólogo. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 2, n.1, p. 7-27, 1997. Disponível em:  
<<https://doi.org/10.1590/S1413-294X1997000100002>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

LANE, S. T. M. **O que é Psicologia Social** 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006

SILVEIRA, A; COLPANI, J; MOURA, R. R. de; GUAREZI, Y. P; MEYER, W. M. Experiência em clínica do trabalho no sindicato: diálogos com a psicodinâmica do trabalho. **Farol – Revista de Estudos Organizacionais e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 2, n.5, p. 1095-1140, 2015. Disponível em:  
<<https://doi.org/10.25113/farol.v2i5.3127>>. Acesso em: 30 nov. 2020.